

AS CARTAS FAMILIARES DE D. FRANCISCO MANUEL DE MELO:
EDIÇÕES E CRÍTICA

EMERSON TIN *
(IEL/UNICAMP)

RÉSUMÉ

Le but de cet article est une présentation des éditions des *Cartas familiares* de D. Francisco Manuel de Melo, ainsi comme de la critique sur l'oeuvre. La majeure partie de la critique a lu les *Cartas Familiares* d'un point de vue surtout biographique, en ignorant la rhétorique de la lettre et le rôle des lieux-communs de l'époque.

A produção epistolar de escritores, na maior parte das vezes, é utilizada como apoio documental para o estudo do restante da obra ou para o refinamento de questões biográficas. Quando as cartas de um escritor são objeto de um estudo, em geral este se orienta por um viés biográfico e, portanto, as cartas são analisadas como “documentos” que reforçam determinada tese. Ou seja, como afirma Brigitte Diaz, as cartas costumam ser “reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra.”¹ Estas perspectivas por assim dizer “instrumentais” da epistolografia devem-se, talvez, ao fato de por muito tempo o gênero epistolar ter sido “considerado como menor, em comparação com a poesia, gênero nobre por excelência, depois em comparação com o romance.”²

* Doutorando em Teoria e História Literária.

¹ DIAZ, Brigitte. *L'Épistolaire ou la Pensée Nomade*, Paris: PUF, 2002, p.5.

² GRASSI, Marie-Claire. *Lire l'épistolaire*, Paris: Dunod, 1998, p.3.

Não diferentemente é o que tem ocorrido em relação às *Cartas familiares* de D. Francisco Manuel de Melo. Elas cobrem um período de trinta anos: as mais antigas datam de julho e dezembro de 1634; a mais recente, de junho de 1664, o ano da 1ª edição. A maior parte delas, contudo, segundo Maria da Conceição Morais Sarmiento, “pertence ao período mais duro da prisão, o que vai de 1648 a 1651”³. Preso, excluído do convívio social, D. Francisco Manuel utiliza a correspondência para promover e atualizar suas relações.⁴ Essas circunstâncias parecem ter sido decisivas para direcionar a leitura da obra como um “diário de prisão”, tendência aceita pela maior parte da crítica, como veremos adiante. E Edgar Prestage, o maior biógrafo de D. Francisco Manuel, utiliza-se freqüentemente de trechos das *Cartas familiares* para fundamentar a sua biografia, chegando a criticar o fato de as cartas não virem dispostas cronologicamente: “nós lamentamos a falta da ordem chronologica, que torna impossivel que o leitor siga a vida de D. Francisco, passo a passo.”⁵

Essa tem sido a tendência dos poucos críticos que se dedicaram às *Cartas familiares*, como veremos. Antes deles, porém, vejamos uma breve descrição das edições das *Cartas familiares*.

³ *Cartas familiares*, prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmiento, Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1981, p.14.

⁴ Duas observações: primeira, nunca é demais lembrar que, a despeito de D. Francisco Manuel muitas vezes descrever as “penas” do cárcere (como quando afirma à Rainha Regente de França, D. Ana de Áustria, estar “nas trevas dum escuro e dilatado cárcere”, carta 3 da Centúria I; nº 160 da edição de Sarmiento), a prisão era dumizente à sua condição de fidalgo, já que podia receber visitas, acolher hóspedes e sair sob palavra; segunda, é interessante mencionar aqui a expressão utilizada por Pierre Fabri: “visitar seu amigo por cartas” (“visiter son amy par lettres”; in: *Le grand et vrai art de pleine rhétorique*, publié avec introduction, notes et glossaire par A. Héron, Genève: Slatkine Reprints, 1969., p.274), bem como um dos tipos de carta expostos por Antonio de Torquemada, o das “cartas de visitaçãõ” (“De las cartas de visitaçion”, pois “los señores suelen ynbiarse a visitar unos a otros”; *Manual de escribientes*. In: *Obras completas*, vol. I, edición y prólogo de Lina Rodríguez Cacho, Madrid: Turner Libros, 1994, p.168) e por Francesco Sansovino (“o gênero comum de cartas é aquele pelo qual nós visitamos os nossos amigos, ainda que não haja necessidade de escrever”, [Il] *secretario overo formulario di lettere missive et responsive / di M. Francesco Sansovino*,... , Num. BNF de l’éd. de Cambridge (Mass.) : Omnisys, [ca 1990]. Reprod. de l’éd. de In Turino: appresso del Bevilacqua, 1580, fl.43), o que nos faz concluir que uma das formas de manutenção de relações sociais era a correspondência.

⁵ PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel de Mello: esboço biographico*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1914, p.385. Segue-se ao trecho transcrito a seguinte nota de rodapé: “Tivemos de dispor as cartas em ordem chronologica, trabalho moroso, antes de encetar esta tentativa biographica.”

EDIÇÕES

As cartas de D. Francisco Manuel de Melo foram inicialmente reunidas no volume intitulado *Primeira Parte das Cartas Familiares de D. Francisco Manuel escritas a várias pessoas sobre assuntos diversos*⁶, impresso em Roma na oficina de Felipe Maria Mancini em 1664. Sarmento descreve a edição como “um grosso volume, in 4º, de vinte e quatro páginas não numeradas e oitocentas numeradas”⁷, contendo a parte não numerada

a dedicatória à Academia dos Generosos⁸ e a carta ‘Aos Discretos’, ambas de autoria de António Luís de Azevedo, a proezação da fé, a aprovação, em latim e em português, feita pelo erudito Fr. Francisco de S. Agostinho de Macedo⁹, e, por fim, a *Carta do Autor aos leitores de suas cartas*.¹⁰

A parte numerada abrange as cartas de D. Francisco Manuel, divididas em cinco centúrias, numeradas por algarismos romanos. Cada carta é precedida de uma didascália, em que se encontram informações a respeito do destinatário, e/ou o tema da carta, e/ou o tipo de carta (p. ex., carta de galantaria, carta de negócio). Por exemplo: “Ao Reverendíssimo P. Frei Martinho do Rosário, comissário geral das Províncias de S. Francisco, sobre alguns negócios da Religião”¹¹. No exemplo, a didascália apresenta o nome do destinatário, acompanhado de adjetivo característico de sua posição e de um aposto explicativo das funções exercidas por ele. Em seguida, expõe de modo brevíssimo o propósito da carta. A maior parte

⁶ Por comodidade, adotamos o título conciso de *Cartas familiares* ao nos referirmos à obra.

⁷ *Cartas Familiares, cit.*, p.14.

⁸ Segundo João Palma Ferreira, “as sessões dos Generosos iniciaram-se em princípios de 1647 e prolongaram-se até 1668, reiniciando-se em 1685-1686. [...] A actividade da Academia dos Generosos (que, conforme Teófilo Braga, foi antecedida pela *Academia Augusta*, fundada por D. Francisco Manuel de Melo) contou ao longo da sua história com a contribuição de outros sócios, como José Soares da Silva, Lourenço Botelho, Manuel Pimentel, António Rodrigues da Costa, Inácio de Carvalho, D. Francisco Manuel de Melo, António de Oliveira de Azevedo [...]” (*Academias Literárias dos Séculos XVII e XVIII*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982, pp.33, 35).

⁹ Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo nasceu em Coimbra em 1596 e faleceu em Pádua, em 01 de maio de 1681. Sobre ele afirmou D. Francisco Manuel no Prólogo das *Obras Métricas*, de 1665: “en la opulencia de las buenas, y de las mejores letras humanas, y divinas nuestro insigne, y nuestro Preceptor el P. Maestro Fr. Francisco de Macedo, cuyos copiosos raudales gozan admirablemente dõs Cathedras, muchos pulpitos nõ pocos tribunales, y innumerables typos” (*apud* MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa: Com. Nac. para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses: BN, [19—], vol.2, p.87).

¹⁰ *Cartas Familiares, cit.*, p.15.

¹¹ Centúria I, carta 68; nº 169 na edição de Sarmento.

das cartas, contudo, não apresenta o nome do destinatário, mas tão-somente um elemento definidor de sua relação com o remetente (parentesco, amizade) e/ou de sua posição social (cortesão, ministro); por exemplo: “A um Ministro amigo. De Boas Festas e negócios”¹².

Sobre a elaboração dessa edição de 1664, é interessante lembrar aqui duas cartas enviadas a António Luís de Azevedo, o compilador do volume e autor da dedicatória à Academia dos Generosos e do prólogo “Aos Discretos”. Na primeira delas¹³, datada de 06 de janeiro de 1650, após o pedido de devolução de algumas cartas para a sua inclusão no volume, encontramos o convite de D. Francisco Manuel para que António Luís de Azevedo redigisse uma introdução e uma carta dedicatória:

Mandando-me V. M. as cartas que tem, ficará este livro em boníssimo estado; e, agora que V. M. me meteu em atentar para elas, vejo que têm algum jeito. Sirva-se V. M. de me remeter as com que se acha em que eu fundo meu crédito, não só por escolhidas de V. M., mas por escritas a tal pessoa. Se V. M. fosse servido de acompanhar a obra com alguma introdução sua, teria eu grandíssima confiança e benefício nesse favor. Parecia-me se fizesse prólogo e introdução, ou prólogo que fosse; e que V. M. houvesse por bem descrever ua dedicatória da obra ao senhor Rui de Moura Teles, que, por sábio bom e bom amigo meu, e dos bons (com que de força o há de ser de V. M.), muito a merece. Isto é proposição e não pacto, e assim pode ser alterada de V. M. como for servido.

Ademais, D. Francisco Manuel nos fornece um juízo próprio a respeito da obra em formação: “O livro vai sem ordem escrito, tendo por mais agradável aqui a variedade, e me parece que poderá levar quatrocentas epístolas, que, como as mais são breves, não fará fastioso volume.”

Através da segunda carta¹⁴, datada de 31 de janeiro do mesmo ano, tomamos conhecimento de que António Luís de Azevedo aceitou o convite de D. Francisco Manuel e redigiu algum texto introdutório. Mas, a despeito dos elogios que tece à carta e ao prólogo, D. Francisco Manuel ainda não estava totalmente satisfeito, e aponta algumas modificações que poderiam ser feitas:

Se de tão baixa cousa possa fazer comparação, Senhor, a carta e prólogo é o livro. O livro nem para sua carta e prólogo pode ser bastante. V. M. escreve dobrões, eu, quando muito, reales singelos. Ua razão de V. M. val por muitas das minhas. Mas, enfim, pois sou o noivo, e me hei de honrar com o lugar em que me quis pôr a humanidade e cortesia

¹² Centúria II, carta 63; n° 223 na edição de Sarmento.

¹³ *Cartas de D. Francisco Manuel de Mello escritas a Antonio Luiz de Azevedo*, publicadas com Introdução e Notas por Edgar Prestage, Lisboa: Imprensa Nacional, 1911, n° 23 (n° 303 na edição de Sarmento).

¹⁴ *Id., ibid.*, n° 24 (n° 332 na edição de Sarmento).

de V. M., digo, quanto à carta, que desejara metesse V. M. ali também, por motivo da oferta, a mercê que o senhor Rui de Moura me faz a mi e a meus papéis, parecendo que por esta causa lhe ficariam mais decentes. Com um pequeno período se fará tudo isto, que eu fiz não de pouco em poucas palavras. Quanto ao prólogo, me parece (salvo o juízo de V. M. em que me salvo) poderá ser ilustrado com alguns lugares das letras humanas. Dou logo as causas por que assim me parece. A primeira por que se não cuide que é suposto e obra minha, cuja pobre erudição não se pode equivocar com a de V. M. A segunda, porque, indo o livro à mão de pessoas (se há algúas no Reino ignorantes do nome de V. M.) vejam essas que um talento cheio de sabedoria faz caso daqueles papéis e os inculca ao juízo público; cousa que a meu ver resultará em boa opinião do livro, a quem desejo melhor sorte que a seus irmãos, por ser afilhado de V. M. Outras razões pudera dar, que, como são menores, se incluem nestas. Retenho os papéis enquanto V. M. me avisa e também entretanto os não faço copiar. O recado aos Zoilos é bem digno de V. M., mas não sei se da obra. Não lhe quero mais dragões que lhe guardem seu fruto. Assim ele fora de ouro, como seguro estava. Confesso que me consola muito a nova que V. M. me manda do que lhe vai parecendo esse livro; o certo é que por Castela ninguém fez maior entrada; mais rica sim fariam outros.

Como vemos, a dedicatória deveria ter sido endereçada a Rui de Moura Teles, mas, como afirma Prestage, “este ultimo morreu, e quando as *Cartas Familiares* sahiram em Roma em 1664, trouxeram o prologo com uma dedicatoria á Academia dos Generosos, ambos redigidos pelo douto professor.”¹⁵

Além da edição de 1664, impressa em Roma “na Officina de Filipe Maria Mancini”, houve uma 2ª edição em 1752, em Lisboa, “por Luís de Moraes e Castro, que considera as *Cartas Familiares* ‘uma obra das mais úteis que se têm visto’.”¹⁶ Nesta 2ª edição a carta V, 100, foi substituída por uma carta a António Luís de Azevedo. Aliás, mesmo nos exemplares da 1ª edição, a referida carta foi substituída, por ordem do Santo Offício.¹⁷

¹⁵ D. Francisco Manuel de Mello – *Esboço Biographico*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1914, p.236.

¹⁶ *Apud* SARMENTO, Maria da Conceição Moares. *Cit.*, p.18. Infelizmente não tivemos acesso a nenhum exemplar da 2ª edição, de que só temos notícia o existente na Biblioteca do Centre Culturel Calouste Gulbenkian, em Paris.

¹⁷ O volume da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cujo microfilme consultei, traz, em lugar da carta 100 da Centúria V (nº 387 da edição de Sarmiento), uma cópia manuscrita de uma carta a António Luís de Azevedo, com a seguinte ressalva: “Esta carta é cópia da q substitue a q foi nesta mandada arrancar pelo S. Officio, [rasurado] na 2ª edição desta obra.” A propósito da censura do Santo Offício, cabe acrescentar que a carta 83 da Centúria II (nº 282 da edição de Sarmiento) também foi extirpada do volume, pois no mesmo exemplar consultado encontra-se uma cópia manuscrita dessa carta, rasurada em parte, também com a ressalva de que fora mandada arrancar pelo Santo Offício.

Além das edições antigas acima citadas, duas outras merecem destaque: a coletânea selecionada por Rodrigues Lapa e a edição organizada por Maria da Conceição Morais Sarmento.

A edição de Lapa, editada pela Livraria Sá da Costa (com edições em 1937, 1942 e posteriores), reúne 115 cartas. Uma delas, a de nº 4, foi extraída das *Cartas de D. Francisco Manuel de Mello escritas a Antonio Luiz de Azevedo*, publicadas por Edgar Prestage em 1911. A última, de nº 115, “sobre a edição dos antigos poetas portugueses”, foi extraída, segundo as palavras de Lapa, “do estudo biográfico de Edgar Prestage, que com tanta diligência pormenorizou a vida do nosso autor”, mas ressalva:

não é pròpriamente uma carta familiar; mas por ser importante e por nos dar a maneira como D. Francisco concebia a edição dos autores antigos, a que se quis abalancar, publicamos aqui este Discurso, como uma espécime de apêndice. Possivelmente é uma oração dirigida aos seus consócios da Academia dos Generosos.¹⁸

Na edição organizada por Sarmento, publicada em 1981 pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, e que se auto-intitula uma “edição completa”¹⁹, foram impressas “todas as cartas conhecidas de D. Francisco Manuel: as por ele publicadas e as descobertas posteriormente”.²⁰ Como Lapa, Sarmento resolveu dispor as cartas em ordem cronológica, sob o argumento de que, nessa ordem, teriam mais interesse para o leitor:

Mas o que realmente é importante nas *Cartas Familiares* é o conhecimento que elas nos dão a respeito da pessoa do seu autor. Através da correspondência de D. Francisco, o leitor fica informado dos problemas que o preocupam, das contrariedades da sua vida caseira, das suas diversas actividades, das suas reflexões, das suas relações de amizade. Daí resulta as cartas terem muito mais interesse se forem lidas por ordem cronológica. Acompanha-se o dia-a-dia do seu autor como se se lesse um diário.²¹

Não vejo razão para que da leitura das cartas em “ordem cronológica” possa resultar “muito mais interesse” para o leitor. Até porque muitas das cartas não

¹⁸ *Cartas Familiares*, selecção, prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa, Lisboa: Livraria Sá da Costa – Editora, 1937, pp.XXVII; 277-278.

¹⁹ *Op. cit.*, p.45.

²⁰ *Cit.*, p.27.

²¹ “Prefácio”, in: MELO, D. Francisco Manuel de. *Cartas Familiares*, Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1981, p.36.

trazem datas, e sequer referências contextuais que possam tornar possível a sua datação aproximada. Pergunta-se: por que não organizá-las então em ordem alfabética de destinatários? Ou então, por que não organizá-las por assunto? Ou por tipos de cartas? É claro que minha intenção aqui não é a crítica pela crítica, mas sim mostrar que a opção da organizadora em dispor as cartas cronologicamente é mais uma dentre tantas outras e, como intervenção numa obra que tem a sua organização própria, não deixa de ser arbitrária.

Ademais, cabe indicar ainda duas ressalvas sobre essa edição. A primeira delas é apontada por Segismundo Spina:

Em 1959 Maria da Conceição Quadros de Moraes Sarmento publicou ou defendeu em Coimbra sua tese de licenciatura intitulada *Edição crítica das 'Cartas de D. Francisco Manuel de Melo'*, que vemos citada no *Inventário...* de Teensma (*Bibliografia*, pág. 231); queremos crer que a sua obra *D. F. M. de Melo – Cartas Familiares*, Prefácio e Notas [Lisboa] Imprensa Nacional – Casa da Moeda [1981] seria a mesma tese; e a ser assim, não podemos considerá-la rigorosamente uma edição crítica.²²

A segunda ressalva diz respeito às omissões dessa edição. A organizadora suprimiu textos de grande importância para o entendimento da obra – o que, para uma edição que se auto-intitula “completa”, é algo que não se pode aceitar –, como as Aprovações – uma escrita em latim, outra em português –, as notas marginais ao prólogo “Aos Discretos”, de António Luís de Azevedo, em que se encontram todas as autoridades referidas no texto, e a advertência latina “Ad Zoilos”²³. Esta última omissão, inclusive, faz com que o seguinte passo na carta nº 332 da edição de Sarmento fique ininteligível, mesmo porque a organizadora não a explicou em nota: “O recado aos Zoilos é bem digno de V. M., mas não sei se da obra.”

Nenhuma das duas edições modernas, portanto, respeitou a disposição das cartas na 1ª edição, nem reproduziu partes essenciais dessa edição, como as Aprovações, as notas marginais de “Aos Discretos”, ou a advertência “Ad Zoilos”.

²² SPINA, Segismundo. Introdução. In: MELO, D. Francisco Manuel de. *A tuba de Calíope: (quarta musa das Obras métricas)*, São Paulo: Brasiliense, 1988, nota 6, p.21.

²³ Zoilos foi um gramático de Alexandria, conhecido por suas críticas a Homero. Daí, passou a ser sinônimo de detrador, de mau crítico (FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*, Rio de Janeiro: FAE, 1992, p.591). A advertência é a seguinte: “AD ZOILLOS / Vnguibus hic vestris sit pagina quaeque notata, / At mendum his nullum est; ergo notate bonum”, o que quer dizer, em português: “AOS ZOILLOS / Por vossas unhas aqui seja cada página marcada / Pelo menos para isto o erro é sem valor; logo, anotai o que é bom” (a tradução é minha).

CRÍTICA

A crítica produzida a respeito da epistolografia de D. Francisco Manuel – esparsa nos verbetes de enciclopédias literárias, nos breves capítulos de manuais e nos prefácios das edições modernas – tem dado pouco relevo às categorias de interpretação vigentes à época em que foram redigidas, centrando-se sobretudo em seu aspecto biográfico. Lêem-se as cartas como expressões diretas da vida de seu autor, desconsiderando que sua escrita é mediada pelos preceitos retóricos, pelos lugares-comuns da época, bem como pela construção do remetente diante de cada um de seus destinatários.

No verbete dedicado a D. Francisco Manuel de Melo do *Dicionário das literaturas portuguesa, brasileira e galega*, editado sob a direção de Jacinto do Prado Coelho, lemos sobre as *Cartas familiares*:

As *Cartas Familiares* (Roma, 1664), cuidadosamente organizadas em centúrias, podem assimilar-se a um diário de prisão. Foram quase todas escritas no tempo em que esteve preso e constituem manancial de informações sobre a sua vida e a sua época. No entanto, sobre a sua vida, os dados são velados por uma espécie de pudor sagrado e é sobretudo o homem de relação e o homem-escritor que nelas se revelam.²⁴

Note-se que o verbete ressalta a importância das cartas do ponto de vista biográfico, embora em seguida a atenuar. Ademais, nele encontramos a tese de que as cartas constituem um “diário de prisão”, tese que, como veremos, será amplamente aceita e defendida por grande parte da crítica.

Encontramos ainda menção às *Cartas familiares* no verbete “epistolografia”:

Rodrigues Lobo deixou, na sua *Corte na Aldeia* (que traduz exactamente a aspiração à vida de corte, galante e requintada) as regras essenciais da epistolografia; definiu as principais categorias de cartas, apontou as qualidades específicas do gênero – e teve, sobretudo, o mérito de lembrar que um acto quotidiano e utilitário pode transformar-se numa obra de arte. D. Francisco Manuel de Melo, nas suas *Cartas Familiares*, assimilou a lição e, escrevendo simultaneamente para um destinatário determinado e para o público mais vasto em que pensava já, deixou elegantes e sentenciosas cartas de retorcida forma (muitas vezes vagamente lamentosas, pois são na maioria escritas durante a prisão). Com o seu pendor conceptista para a generalização, a sentença, a ideia abstracta, limou e poliu tudo quanto pudesse parecer excessivamente pessoal e particular, deixando sobretudo um jogo habilidoso de frases e de conceitos, seja qual for o assunto que lhe dá

²⁴ COELHO, Jacinto do Prado (dir.) *Dicionário das literaturas portuguesa, brasileira e galega*, Porto: Livraria Figueirinhas, 1960, pp.467-468.

origem – pêsames, parabéns, simples notícias pessoais, uma pequena encomenda, uma queixa discreta, um conselho amigo.²⁵

Vemos no verbete o esforço de filiar as *Cartas familiares* aos preceitos expostos em *Corte na aldeia* de Rodrigues Lobo, embora encontremos expressões de um preconceito velado (“retorcida forma”) ou expostas sem maiores comprovações (“limou e poliu tudo quanto pudesse parecer excessivamente pessoal e particular”²⁶).

No *Dictionnaire biographique des auteurs de tous les temps et de tous les pays*, encontramos uma brevíssima referência às *Cartas familiares* no verbete dedicado ao escritor: “Les *Lettres familières* [*Cartas familiares*, 1664] sont bien révélatrices de sa manière: élégance du style, un ton volontiers sentencieux, de la finesse et du pittoresque.”²⁷

A mesma brevidade encontramos no verbete do *Dictionnaire universel des littératures*: “Citons enfin ses *Cartas familiares* (*Lettres familières*), écrites souvent en prison, soigneusement classées, superbes exercices d’écriture baroque.”²⁸

No brevíssimo verbete dedicado ao escritor em *Der Literatur Brockhaus*, a referência às *Cartas familiares* se restringe tão somente ao seu arrolamento entre as suas outras obras (“weitere Werke”).²⁹

Não diferem muito desse tom os capítulos das histórias literárias. É o que vemos, por exemplo, no terceiro volume da *História da Literatura Portuguesa* de Teófilo Braga, dedicado aos “Seiscentistas”. O autor, primeiramente, tece comentários genéricos a respeito do “estilo culteranesco” do período:

Preponderava o pedantismo retórico no meio social, e D. Francisco de Melo obedece à corrente, despendendo o seu génio em compor Silvas, Labirintos e Obeliscos literários, em estilo culteranesco na inanidade das exagerações encomiásticas.³⁰

²⁵ *Id.*, *ibid.*, p.239.

²⁶ Isso porque são pouquíssimas as cartas autógrafas de D. Francisco Manuel que sobreviveram e que haviam sido impressas na edição de 1664, de forma que eventuais cortes e correções que as cartas teriam sofrido tornam-se tão somente conjecturas, baseadas nas palavras do escritor, que afirma ter “alimpado” suas cartas antes de publicá-las.

²⁷ LAFFONT-BOMPIANI. *Dictionnaire biographique des auteurs de tous les temps et de tous les pays*, [Paris]: Robert Laffont, 1984, t. III, p.343.

²⁸ DIDIER, Béatrice (dir.) do *Dictionnaire universel des littératures*, publié sous la direction de Béatrice Didier, Paris: Presses Universitaires de France, 1994, v. 2, p.2310.

²⁹ DER LITERATUR Brockhaus, herausgegeben und bearbeitet von Werner Habicht, Wolf-Dieter Lange und der Brockhaus-Redaktion, Mannheim: Brockhaus, c.1988, zweiter Band, p.592.

³⁰ BRAGA, Teófilo. *História da literatura portuguesa, III: os seiscentistas*, Publicações Europa-América, s/d, p.80.

A seguir, adotando o usual viés biográfico, Braga condiciona toda a produção letrada de D. Francisco Manuel ao período em que ficou preso:

mas um acidente, que se tornou o facto capital da sua vida, forçou-o à concentração moral, à intensa vida de espírito pela situação forçada de nove anos contínuos de cárcere e isolamento; o estilo arrebicado tornou-se de uma encantadora naturalidade, o sentimento vivo e comunicativo, a inspiração uníssonas com a expressão da dor vergado sob o arbítrio da prepotência irresponsável. Foi nesta crise tremenda e prolongada que ele se tornou um delicado poeta renovando a tradição do puro quinhentismo do gosto mirandino e camoniano; um prosador espontâneo, vigoroso, de empolgante vernaculidade, ingenuamente facetado para as especulações morais, sobriamente pitoresco nas narrativas históricas.³¹

Braga cita então duas cartas e, mais uma vez, analisa-as pelo prisma biográfico:

Em uma das suas Cartas familiares escrevia: “Dizem lá, que: – aonde me a mim conhecem, honra me fazem. – Mas eu digo o contrario, tendo termo de que anda errado este proverbio; porque sempre me fizeram mais honra onde menos me conheceram.” (*Cart.*, Cent. I, nº 66) Isto desabafava na angústia de um cárcere a arbítrio; porém o seu génio fulgurava para a imortalidade para torná-lo conhecido, admirado, e ele o presentia, dizendo: “a falta de liberdade da pessoa não se estende ao espírito” (*Ib.*, Cent. I, nº 68). E essa liberdade do espírito é que eleva toda a sua obra, acima das influências do meio depressivo.³²

O primeiro trecho citado pertence a uma carta que tem como didascália “dando graças a um sujeito pela inclinação que lhe mostrava sem conhecê-lo”. Ora, explica-se o jogo que faz, mostrando que, já que um sujeito mostrava inclinação por ele sem conhecê-lo, deveria andar errado o provérbio. Onde, nesse trecho, o desabafo da “angústia de um cárcere a arbítrio”?

Após um parágrafo todo de crítica à educação jesuítica, sob a qual D. Francisco Manuel estudou, Braga arremata:

Essa educação jesuítica imprimiu na sua inteligência apenas o interesse pelas curiosidades anedóticas dos *Loci communes* da erudição humanística, que já no século XVII entrava na renovação crítica.³³

Assim, considera que D. Francisco Manuel era frio e inexpressivo, enquanto não padeceu de “profundos sofrimentos morais” e pôde libertar-se da “obsessão da língua castelhana”:

³¹ *Id.*, *ibid.*, p.80.

³² *Id.*, *ibid.*, p.81. As cartas são, respectivamente, as de número 159 e 169 na edição de Sarmento.

³³ *Id.*, *ibid.*, p.85.

Por isso ele próprio rejeitou esses Doze frios e inexpressivos Sonetos do Caso de D. Inês de Castro: seriam precisos os profundos sofrimentos morais, para que nele vibrasse a verdadeira emoção humana, assim moderando-lhe os ímpetos. Foi forçoso libertar-se da obsessão da língua castelhana, para se revelar toda pureza da sua dicção poética.³⁴

No entanto, o que Braga chama de “obsessão da língua castelhana” era apenas o tradicional bilingüismo de que sempre se utilizaram os escritores portugueses. Basta citar os exemplos de Gil Vicente e Camões para que nada mais seja necessário argumentar.

A tônica é esta. Acrescento tão-somente suas últimas considerações a respeito de D. Francisco Manuel, pelo que têm de síntese de suas opiniões:

A sua laboriosidade literária, com que se defendia contra o horror da solidão de presidiário e da opressão moral das calúnias e do arbítrio coroado, realizou o aperfeiçoamento, vencendo o contágio dos arrebiques culteranistas, e conscientemente declara: “Sempre escrevo, mas como risco em uma hora o que em muitas debuxo, luz pouco a obra.” (*Cartas*, p. 107)³⁵

Mendes dos Remédios, em sua *História da literatura portuguesa desde as origens até a actualidade*, também não escapa dos juízos genéricos e um tanto superficiais. Apresenta D. Francisco Manuel como “polígrafo”, que escreveu a maior parte das obras em espanhol:

D. Francisco Manoel de Melo, de Lisboa, (1608-1666) é escritor distintíssimo, tendo ensaiado a penna em vários géneros e merecendo por isso a denominação de “polígrafo”. A maior parte das obras foi escrita em espanhol, e com tal perfeição, que se enumera como clássico nessa lingua. Na nossa escreveu o suficiente para não desmerecer dos elogios, que naquela lhe fazem. A sua vida é cortada de aventuras³⁶

³⁴ *Id.*, *ibid.*, p.89.

³⁵ *Id.*, *ibid.*, p.242. O trecho pertence à carta 84 da Centúria I (a de nº 267 da edição de Sarmiento). Registre-se que esse pequeno trecho é um dos mais discutidos, e cada um pretende ver nele um argumento para sua tese: Braga, como vimos, o convoca para mostrar que D. Francisco Manuel esforçava-se pelo aperfeiçoamento de sua obra, livrando-se dos “arrebiques culteranistas”; Rodrigues Lapa, em sentido diametralmente oposto, afirma que “o autor era difícil e trabalhava o estilo, segundo confessava: ‘sempre escrevo, mas como risco o que em ua hora o que em muitos dias debuxo, luz pouco a obra’” (Prefácio. In: MELO, D. Francisco Manuel de. *Cartas familiares*, Lisboa: Livraria Sá da Costa – Editora, 1942, p.XXIV); Maria da Conceição Morais Sarmiento, por sua vez, nele vê um indício do “consciente trabalho de forja da criação literária” (Prefácio, II Parte. In: MELO, D. Francisco Manuel de. *Cartas familiares*, Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1981, p.37).

³⁶ REMÉDIOS, Mendes dos. *História da literatura portuguesa desde as origens até a actualidade*, 6ª edição, Coimbra: Atlântida, s/d, p.318.

Sua caracterização como “polígrafo” encontra-se ainda na página seguinte:

D. Francisco Manoel é um polígrafo de alto valor, elegante e erudito; escreveu a prosa e o verso com igual facilidade, cultivou os gêneros histórico, didático, epistolar, político, moral, etc.³⁷

Um pouco adiante, ao tratar dos “epistológrafos” portugueses, Mendes dos Remédios supõe que as cartas contêm indicações sociais e históricas de valor para o estudo da época em que D. Francisco Manuel viveu:

D. Francisco Manoel de Melo deixou esparsas nas suas *Cartas Familiares* muita daquela compungida tristeza que lhe amargurou a existência, aqui e além indicações literárias, políticas e sociais de valor a aproveitar para quem empreender o estudo da época e do século em que ele viveu³⁸

Na antologia de textos, anexa à *História*, Mendes dos Remédios inclui apenas uma carta de D. Francisco Manuel.³⁹

Há também uma pequena referência às cartas de D. Francisco Manuel em *La littérature portugaise*, de Georges Le Gentil, que, contudo, também não se afasta dos comentários genéricos:

On peut compléter les Epanáforas par les cinq cents Lettres familières écrites, pour la plupart, en prison et souvent gâtées, elles aussi, par la recherche de l'effet. On aura ainsi reconstitué la biographie intellectuelle d'un écrivain qui mérite, mieux que tout autre, la qualification de péninsulaire. Plus que Gil Vicente, plus que Sá de Miranda, Francisco Manuel a servi de trait d'union, quelquefois pour son malheur, entre deux patries, deux cultures.⁴⁰

O mesmo tom encontramos na *História da literatura portuguesa* de Reis Brasil:

Cartas Familiares (1664) – Foram escritas na prisão, mas talvez ligeiramente alteradas, ao serem publicadas. Diz-nos no começo da colectânea: ‘Cinco centúrias de cartas minhas se vos oferecem neste livro: as mais foram escritas com sangue, enxutas com lágrimas, dobradas com singeleza, seladas pela desgraça, levadas pela mofina’. Estas cartas são

³⁷ *Id.*, *ibid.*, p.319.

³⁸ *Id.*, *ibid.*, p.345.

³⁹ *Id.*, *ibid.*, p.365. Trata-se da carta 12 da Centúria II (a de n° 182 da edição de Sarmento).

⁴⁰ LE GENTIL, Georges. *La littérature portugaise*, Paris: Librairie Armand Colin, 1935, pp.92-

realmente verdadeiros modelos do género e revelam-nos a força da alma do seu autor, revelam-nos a sua coragem contra todas as adversidades da fortuna. Há ocasiões em que o seu humor não consegue triunfar e chega a desejar a morte. Na cadeia o sofrimento é tanto, e sofre tais perturbações, que tem dias em que não consegue escrever. Está ufano da sua independência mental: ‘Ainda me não arrependo de entender por meu entendimento e não pelos alheios’. Estas cartas são um monumento valioso dentro da epistolografia portuguesa. Por meio delas podemos conviver com uma das mais belas almas do século de seiscentos.⁴¹

Ainda na *Presença da literatura portuguesa: era clássica*, de A. Soares Amora, o que temos são os mesmos juízos genéricos e invariavelmente biográficos:

De 1640 até 1667 [sic] ano de sua morte, viveu, em seu país, a época mais difícil de sua existência (pois que preso em 1644, só em 1659 foi libertado); mas se assim foi (e parece impossível saber das causas exatas da inflexível justiça do governo de D. João IV), também é verdade que foi nesses anos que publicou o mais importante de sua obra: *História de los movimientos y separación de Cataluña* (1645); *Fidalgo Aprendiz* (1646); *Carta de Guia de Casados* (1651); *Epanáforas* (1660); *Cartas Familiares* (1664); *Obras Métricas* (1665). Figura das mais estudadas do Seiscentismo Português, rica de interesse não apenas como escritor, mas também como homem que intensamente participou da vida intelectual, social e política da época, em Portugal e no estrangeiro, sobre a qual refletiu em grande e variada obra, sobretudo nas *Cartas Familiares*⁴²

Na antologia apresentada no livro, Amora inclui tão-somente a “carta do autor aos leitores de suas cartas”.⁴³

Fidelino de Figueiredo, em sua *História literária de Portugal*, é um dos únicos a caracterizar as cartas de D. Francisco Manuel como uma “espécie de diálogo escrito”. Não deixa, contudo, de disseminar alguns preconceitos arraigados em relação às letras barrocas⁴⁴ – como a pecha de “gongorismos rebuscados” – ao comentar as *Cartas familiares*:

⁴¹ BRASIL, Reis. *História da literatura portuguesa*, Lisboa: Oficinas Gráficas do “Jornal do Fundão”, 1958, pp.124-125.

⁴² AMORA, A. Soares. *Presença da literatura portuguesa: era clássica*, 6ª edição, São Paulo: Bertrand Brasil, s/d, p.123. D. Francisco Manuel faleceu em 1666 e não em 1667 como afirmado por Amora.

⁴³ *Id.*, *ibid.*, pp.138-139.

⁴⁴ Adoto a expressão “letras barrocas”, utilizada por João Adolfo Hansen em seu artigo “Discreto/Vulgar: Modelos Culturais nas Práticas da Representação Barroca” (in: *Estudos Portugueses e Africanos*, Campinas, SP: IEL/UNICAMP, n° 17, jan./jun. 1991, pp.29-57), para referir-me aos textos produzidos desde os fins do século XVI até as primeiras décadas do XVIII.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO fez da carta um gênero familiar no estilo, espécie de diálogo escrito, que da conversação falada tinha a variedade e a simplicidade, o tom ora amistoso, ora cerimonioso: instrumento das relações sociais para cultivar amizades, para iludir a solidão e também, para êle, a melancolia do cárcere. Foi de uma fecundidade surpreendente. As suas *Cartas Familiares*, pela primeira vez publicadas em Roma, 1664, são quinhentas, escritas entre 1634 e 1660, pequena parte do seu capital epistolar, porque êle mesmo declarou que nos primeiros seis anos da sua prisão escrevera 22.600 cartas. Sòmente uma pequena parte das *Cartas Familiares* está em castelhano, porque eram principalmente portugueses os seus destinatários. Pêsames e parabéns, cumprimentos, boas-festas, apresentações e recomendações, ofertas de livros, cuidados por amigos doentes, negócios e literatura, o seu longo processo e os seus sofrimentos formam o fundo dessa vasta correspondência. Figuram ali as cartas em que impetrou a intercessão de Ana de Áustria em seu favor; as que dirigiu a alguns escritores da época, a ministros poderosos e a pais que perdiam filhos ou com dor os viam recolher-se a mosteiros. Uma grande sutileza no dizer torna as cartas conceituosas e galantes, ainda as mais breves e mais ligeiras de assunto, por exemplo, pequenas efemérides familiares, que a amizade de D. FRANCISCO do seu recolhimento desocupado espreitava e registrava. Mas essa requintada maneira de dizer e o dom raro de achar motivo de digressão e de jôgo de destreza raciocinante, de saber encontrar as imagens mais apropriadas em mundos muito diversos, o moral e o natural, as ciências e a história, incorrem vêzes repetidas no risco de se remontar a gongorismos rebuscados, saindo do perdoável e às vêzes até desejável culteranismo de pensamento. Precisamente êste defeito fez as delícias de FREI FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO MACEDO. Na primeira carta da quarta centúria o escritor dá um plano para a organização de uma *Biblioteca Lusitana*, o qual junto com o projeto de um *Parnaso Poético Português*, que também delineou, dá às *Cartas Familiares* certa significação histórica da bibliografia e da crítica literária em Portugal.⁴⁵

A *História da literatura portuguesa*, de António José Barreiros, é um pouco mais extensa nos comentários sobre as *Cartas familiares* de D. Francisco Manuel. Ademais, Barreiros é um dos poucos a procurar filiá-las à tradição da teoria epistolar, deixando de enfatizar o seu aspecto biográfico. Pelo contrário, afirma mesmo serem poucas as informações a respeito:

O EPISTOLÓGRAFO

1. As “Cartas Familiares”. Não devemos confundir a carta propriamente dita com a *epístola* em verso. Em todas as literaturas têm aparecido escritores que engalanam a sua correspondência ordinária com belas prendas de estilo; e, às vezes, outros escritores, em cartas que nunca chegam a mandar a qualquer pessoa, desabafam as suas queixas ou expõem as suas opiniões acerca dos assuntos mais variados. Entre nós, a teoria da carta foi ensinada por Rodrigues Lobo na *Corte na Aldeia*, mas o primeiro que as fez e publicou foi D. Francisco Manuel de Melo. A *Primeira parte das Cartas Familiares* apareceu em

⁴⁵ FIGUEIREDO, Fidelino de. *História literária de Portugal*, Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960, pp.287-288.

Roma no ano de 1664. Aí se encontram cinco centúrias de missivas, umas longas outras brevíssimas, escritas desde 1634 a 1660. Não se trata só de cartas enviadas à família, ou aos amigos e conhecidos. Muitas devem ter sido feitas para suprir o convívio com pessoas, durante os longos anos em que esteve preso. Não se referem, em geral, a acontecimentos públicos e importantes da época e, mesmo sob o aspecto autobiográfico, pouco mais fazem do que esclarecer algumas facetas das tendências psicológicas de D. Francisco. De resto, são cartas de pêsames, de cumprimentos de boas-festas ou de recomendação, de agradecimento ou de oferta de livros, de consolação a enfermos ou de pedidos a indivíduos influentes, de negócios ou de literatura.

2. O estilo. D. Francisco trabalhou bem as suas cartas. Ele mesmo diz que antes de as publicar as ‘alimpou’, quer dizer, lhes tirou todas as referências individuais, que substituiu pelo genérico N. Mas há mais: não se dava facilmente por satisfeito, pois, segundo confessa, numa hora desfazia, corrigindo, o trabalho de oito dias. Apesar de todo este limar, a linguagem não perde o tom de conversa. Estilisticamente, estas cartas deliciam-nos com conceitos engenhosos encadeados por um raciocínio que surpreende pela sutileza, pela densidade de imagens, sobretudo metáforas, e por algumas louçanias de tipo cultista. A sua nota dominante, porém, é a ironia. Bem sabemos que as circunstâncias em que foram escritas, não eram para risos. O bom espírito do autor, no entanto, é incapaz de movimentar-se sem gracejar. Daí que o seu estilo irónico seja do melhor que temos na literatura portuguesa.⁴⁶

Apresenta, ao fim, dois exemplos (as cartas 63 da Centúria IV – 347 da edição Sarmento – e 17 da Centúria V – nº 483). Não elabora, contudo, qualquer comentário a respeito das cartas individualmente. Deve-se anotar, porém, que Barreiros considera que, apesar do *labor limae*, “a linguagem não perde o tom de conversa”. Mais propriamente, podemos pensar que é exatamente pelo trabalho da lima que as cartas adquirem esse tom coloquial, buscando o efeito de simplicidade, que é aliás preceituado pela teoria epistolar.

Em *A epistolografia em Portugal*, André Crabbé Rocha, ao comentar as cartas de D. Francisco Manuel, enumera os “defeitos” de que o autor teria padecido para pagar o “tributo à moda” da “inútil fogueira barroca”:

Para o público actual, o óbice maior à leitura das cartas de D. Francisco Manuel de Melo reside precisamente naquilo em que mais se quis esmerar: a perpétua demonstração da sua idoneidade de discreto e a aplicada destreza em transformar qualquer pensamento – simples bem-haja ou significativo apelo – numa frase elaborada, complexa e conceituosa. Cansativo jogo malabar que nem sempre entendemos à primeira [...] Contudo, em regra é apenas o primeiro parágrafo que custa desfibrar. Rendido esse tributo à moda, à sua reputação e, quicá, a um intuito estético de aristocrata – pois se recusava a fazer livros

⁴⁶ BARREIROS, António José. *História da literatura portuguesa*, /Lisboa/: Editora Pax, 4ª edição, v. II, pp.87-88.

“em muitas horas para se ler em ua hora” (p. 517), D. Francisco Manuel solta as rédeas da sua verdadeira e exuberante personalidade, e renasce, original e humano, das cinzas dessa inútil fogueira barroca, não sem reconhecer, uma vez por outra, o verbalismo de semelhantes introitos e a necessidade de “arrimar as palavras, vindo às cousas”.⁴⁷

António José Saraiva e Óscar Lopes, em sua *História da literatura portuguesa*, também pouco avançam na crítica das *Cartas familiares*:

As *Cartas Familiares*, com o seu misto de sofrimento vivido e de amadurecimento académico, espelham-se logo na maneira como o autor se lhes refere, ao dizer que “as mais foram escritas com sangue, enxutas com lágrimas, dobradas com singeleza, seladas pela desgraça, levadas pela mofina”: uma confissão de dores transforma-se numa cadeia de alegorias, de subtilezas conceptistas ou de sentenças de sabor proverbial, algumas de uma profunda sabedoria vivida (“Medido pelo sofrimento, a mim mesmo me pareço maior”) ou tingidas de amargo sorriso (“Eu costumava dizer, quando andava pelo mundo”). A luta contra o isolamento, a diversidade de tons com que reage aos que o esquecem e lhe não respondem, tornam-se sem dúvida, impressionantes. Mas raramente há a revolta; só por excepção é que se eleva o tom em que diz: “Caibam em si os censuradores, que o entendimento é livre, e o bom entendimento é a mesma liberdade, que assim o disse o nosso Sá: – *O entendimento, que é nosso, não no-lo querem deixar*”.⁴⁸

Maria Leonor Carvalhão Buescu, em *História da literatura*, afirma sobre as *Cartas familiares*:

A reflexão filosófica, a meditação moral, a inquietação teológica, partem ou remetem para passos da vida agitada por vicissitudes e percalços de que, aliás as *Cartas Familiares*, às vezes curtos bilhetes, alguns escritos do cárcere a amigos e parentes, são também testemunho, modelos de estilo requintado, da contenção verbal, elegante e fácil.⁴⁹

Note-se que o viés biográfico também se faz presente no texto de Buescu e, embora ressalte que as *Cartas familiares* sejam “modelos de estilo”, caracteriza-o como de contenção verbal “elegante e fácil”. A expressão “facilidade” empregada ao estilo, embora por si mesma não imprópria no caso, pode levar, da maneira como apresentada, sem quaisquer outras explicações, a interpretações impróprias,

⁴⁷ ROCHA, André Crabbé. *A epistolografia em Portugal*, Coimbra: Livraria Almedina, 1965, pp. 159-160 (publicado posteriormente pela Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985).

⁴⁸ SARAIVA, António José, LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*, Santos, SP: Livraria Martins Fontes, 1973, pp.507-508.

⁴⁹ BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *História da literatura*, Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2ª ed. rev., 1994, p.58.

sendo entendida como “superficialidade” ou até mesmo uma negligência da escrita, quando sabemos que o que rege as *Cartas familiares* é exatamente a *sprezzatura*, na formulação de Castiglione⁵⁰, ou um “descuydo cuydoso”, na feliz expressão de Fr. Francisco de S. Agostinho Macedo⁵¹.

A *literatura portuguesa em perspectiva*, de Francisco Maciel Silveira, Lênia Márcia de Medeiros Mongelli e Maria Helena Ribeiro da Cunha, parte de uma afirmação em tom generalizante, que ignora ou minimiza a existência dos tratados de epistolografia:

A carta literária, que no século XVI costumava ser a epístola em verso, adota preferencialmente no Barroco a forma e o tom da prosa. Não obstante ansiando por aproximar-se o mais possível da elocução coloquial observada nas práticas (isto é, conversas), a epistolografia no Seiscentismo português não perde, todavia, seu tônus artístico. Seja porque estimulada pelos progressos das comunicações postais, seja porque cultivada por prosadores do quilate de D. Francisco Manuel de Melo e Vieira, o certo é que o vezo epistolográfico ganha prestígio no Barroco português, antecipando-se inclusive à moda epistolar [*sic*] posta em circulação pela França em fins do século XVII. Não estranha, pois, que bem antes de os primeiros espécimes da epistolografia literária francesa chegarem a Portugal, já sua teoria aparece condensada em *Corte na aldeia* (1619), de Francisco Rodrigues Lobo.⁵²

Nem as epístolas em verso deixaram de existir no século XVII – conforme inúmeros exemplos do próprio D. Francisco Manuel não deixam dúvida –, nem as cartas em prosa “nasceram” a partir desse período. Ademais, se Francisco Rodrigues

⁵⁰ “[...] usar em cada coisa uma certa *sprezzatura* [displícência] que oculte a arte e demonstre que o que se faz e diz é feito sem esforço e quase sem pensar.” (CASTIGLIONE, Baldassare. *O cortesão*, tradução de Carlos Nilson Moulin Louzada, São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.42. No original: “[...] usar in ogni cosa una certa *sprezzatura*, che nasconda l’arte e dimostri ciò che si fa e dice venir fatto senza fatica e quasi senza pensarvi”, *Il libro del cortegiano*, , introduzione di Amedeo Quondam, note di Nicola Longo, Garzanti, 9ª edição, 2000, pp.59-60.) Creio que, diferentemente da tradução citada, *sprezzatura* se traduziria melhor por “desenvoltura” ou “desembaraço”.

⁵¹ “Se olho para a facilidade parece natureza, se para a elegancia parece arte, se para desenfado parece confiança: na composição se ve hum descuydo cuydoso”, Arouação. In: MELO, D. Francisco Manuel de Melo. *Primeira parte das cartas familiares de D. Francisco Manuel : escritas a varias pessoas sobre assuntos diversos / Recolhidas e publicadas em cinco centurias por Antonio Luis de Azevedo...* – Impresso em Roma [Italia] : Na Officina de Filipe Maria Mancini, 1664.

⁵² SILVEIRA, Francisco Maciel , MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros , CUNHA, Maria Helena Ribeiro da. *A literatura portuguesa em perspectiva*, direção de Massaud Moisés, São Paulo: Atlas, 1993, vol. II, p.132.

Lobo “condensa” a teoria epistolar em *Corte na aldeia*, é lógico supor que essa teoria já existia em forma “expandida”, que poderia ser representada por inúmeras obras: de Pierre Fabri (*Le grand et vrai art de pleine rhétorique*, 1521), de Erasmo de Rotterdam (*Breuissima maximeque compendiarum conficiendarum epistolarum formula*, uma pequena brochura de dez folhas, impressa por Matthaeus Maler em Erfurt, em 1520; *Libellus de conscribendis epistolis*, com 76 folhas, impresso por Siberch em Cambridge, em 1521; e *Opus de conscribendis epistolis*, um alentado volume de mais de 400 páginas, impresso em agosto de 1522 por Froben, em Bâle), de Juan Luis Vives (*De conscribendis epistolis*, publicado por Hillen, em Antuérpia, em 1534), de Antonio de Torquemada (*Manual de escribientes*, c.1562), Francesco Sansovino (*Il segretario, overo Formulario di lettere missive et responsive*, 1564), Justo Lúpsio (*Epistolica institutio*, 1590), assim como as concepções epistolares – muito semelhantes às de Rodrigues Lobo, por sinal – de Fr. Antonio de Guevara em suas *Epístolas familiares*, publicadas em Valladolid entre 1539 e 1542. E se existia uma teoria epistolar, óbvio supor que já existisse uma produção epistolar. *A literatura portuguesa em perspectiva*, entretanto, tem a virtude, ao tratar das *Cartas familiares*, de procurar associá-las às formulações teóricas presentes na *Corte na Aldeia*, de Francisco Rodrigues Lobo.

Cartas familiares – o título já o declara – são fundamentalmente os quinhentos espécimes deixados por D. Francisco Manuel de Melo e reunidos em volume (Roma, 1664). Organizada por um amigo do missivista (António Luís de Azevedo), dedicada ‘à insigne Academia dos Generosos de Lisboa’, a edição não esconde seu débito ao receituário prescrito por *Corte na aldeia*. Di-lo já o conteúdo das epístolas – facilmente classificáveis, segundo a taxionomia de *Corte na aldeia*, em domésticas, mercantis, de novas, de recomendação, de agradecimento, de queixumes, de desculpas. Confirma-o o estilo que, elogiado pelo organizador e amigo por ser ‘claro, breve, sentencioso e próprio, sem afeite, sem rodeos, nem metáforas’, realiza o magistério retórico de *Corte na aldeia*. Inclusive ao exercitar um tom coloquial próximo do falar cotidiano (‘o escrever cartas há-de ser conforme ao falar: a escritura não é bem que desdiga da prática’, lembra António Luís de Azevedo), indene a estrangeirismos e parcimoniosamente colorido de arcaísmos ainda em uso – bem de acordo, portanto, com o que prescreve outro diálogo de *Corte na aldeia*, o IX, dedicado à elocução nas práticas (=conversas).⁵³

Outro autor que se dedica a comentar com mais vagar as *Cartas familiares* é Mário Gonçalves Viana. Em seu “Ensaio biográfico e histórico-crítico sobre D. Francisco Manuel de Melo”, presente num volume de *Trechos escolhidos* do autor,

⁵³ *Id.*, *ibid.*, p.133, grifo dos autores.

refere-se à importante “Aprovação” escrita pelo Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo, a que já nos referimos. Não deixa, contudo, de também disseminar alguns preconceitos em relação ao período. Transcrevo algumas passagens mais importantes do “Ensaio”:

D. Francisco Manuel de Melo foi, incontestavelmente, o maior epistológrafo do seu tempo. A história literária portuguesa não teve, antes dele, quem verdadeiramente compreendesse o valor e o interesse das cartas. A epístola – ou carta em verso – já tivera numerosos cultores, desde Sá de Miranda. Mas este género, porque obedece às regras poéticas e se destina à publicidade, tem, decerto, mais valor artístico mas possui menor valor social. As cartas em prosa só haviam aparecido esporadicamente. Apenas o bispo de Silves, D. Jerónimo Osório, deixara alguns notáveis documentos de tal categoria. Com D. Francisco Manuel é que as cartas familiares entram, em Portugal, no domínio da literatura e adquirem a categoria de género literário. O aparecimento das *Cartas Familiares*, d’este eminente polígrafo, constituiu, por isso mesmo, um verdadeiro acontecimento. António Luiz de Azevedo, ao publicar as primeiras centúrias dizia, hiperbolicamente, que era aquêlê ‘o único livro de cartas que se publicou em nosso idioma, o qual porque nunca seja despojado d’este privilégio, também será o último, porque depois d’este também pouco lugar fica à confiança para que se esperem outros’. É claro que há, nestas palavras, um evidente exagero, aliás muito próprio da época seiscentista. Mas a novidade explica, até certo ponto, o entusiasmo com que as cartas foram acolhidas. Até o censor eclesiástico, Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo, ao dar o seu parecer, tem, para elas, palavras de simpatia, que ultrapassam os termos frios e protocolares das habituais autorizações: ‘Põem em campo armado de ponto em branco, no branco do papel, avisos, sentenças, piques, galantarias, rifãos, alusões, remques, anexins, desdens, cumprimentos, contos, queixas, petições, satisfações, graças, tudo disposto e travado de maneira que parece exército formado’. D. Francisco Manuel deu maleabilidade e elegância à sua correspondência. A carta pesada e maciça desapareceu. Com êste notável escritor, a epistolografia assume os mais sugestivos aspectos. Pode-se quasi afirmar que cada carta denuncia um estilo próprio, conforme os assuntos de que trata ou as pessoas a quem é dirigida; tanto pode resumir cerimónia protocolar, como respirar bonomia, amizade ou boa ironia portuguesa. (...) Perseguido embora, e prêso, tudo quanto faz é aprimorado. As suas cartas são modelos de elegância e correcção. Êle mesmo confessava: ‘sempre escrevo, mas como risco em uma hora o que em muitos dias debuxo, luz pouco a obra’. O egrégio polígrafo tinha a ânsia da perfeição. Antes de publicar as cartas ‘alimpava-as’, omitindo nomes, refundindo e aperfeiçoando a linguagem, ou suprimindo referências susceptíveis de o comprometerem ou de comprometerem outrem.⁵⁴

⁵⁴ VIANA, Mário Gonçalves. “Ensaio biográfico e histórico-crítico sobre D. Francisco Manuel de Melo”, in: MELO, D. Francisco Manuel de. *Trechos escolhidos*, selecção, notas e índices remissivos por Mário Gonçalves Viana, Porto: Editora Educação Nacional, 1940, pp.53-54, 54, 58.

Em seu prefácio à antologia de cartas de D. Francisco Manuel que organiza, Lapa também não escapa ao juízo biográfico, difundindo a tese do “diário de prisão”:

As *Cartas Familiares*, com exceção de umas poucas, constituem o diário truncado da sua vida na prisão, nas diferentes prisões por onde andou, pois esteve primeiro na Torre de Belem, passando depois para a Torre Velha, na outra Banda, de onde transitou finalmente para o Castelo. Como não era um preso vulgar, daqui saía às vezes à sua quinta, afrouxado por último o rigor da prisão. No seu aspecto de interior humanidade, são as Cartas a melhor, pelo menos a mais impressionante das obras do nosso autor.⁵⁵

Lapa é seguido de perto por Massaud Moisés que, em sua *Literatura portuguesa através dos textos*, afirma:

O D. Francisco Manuel de Melo epistológrafo não é menos importante que o D. Francisco Manuel de Melo moralista. Escreveu cerca de vinte mil cartas, a maior parte na prisão. Muitas delas não possuíam destinatário certo e visavam, ao mesmo tempo, a preencher o tédio das horas na cadeia e comunicar-se com presuntivos leitores. Qualquer assunto lhe servia, desde uma simples manifestação de pêsames até um desabafo mais íntimo. Assim, as *Cartas Familiares* (1664) constituem uma espécie de diário de sua vida na prisão e guardam rico material informativo a propósito do autor e do seu tempo⁵⁶

Sarmento também acompanha a opinião de Lapa, defendendo a ideia de que as *Cartas familiares* constituiriam, como já vimos, um “diário da prisão”:

Mas o que realmente é importante nas Cartas Familiares é o conhecimento que elas nos dão a respeito da pessoa do seu autor. Através da correspondência de D. Francisco, o leitor fica informado dos problemas que o preocupam, das contrariedades da sua vida caseira, das suas diversas actividades, das suas reflexões, das suas relações de amizade. Daí resulta as cartas terem muito mais interesse se forem lidas por ordem cronológica. Acompanha-se o dia-a-dia do seu autor como se se lesse um diário.⁵⁷

⁵⁵ *Op. cit.*, pp.XXIII-XXIV.

⁵⁶ *A Literatura portuguesa através dos textos*, São Paulo: Cultrix, 1997, p.204.

⁵⁷ “Prefácio, II Parte”. in: MELO, D. Francisco Manuel de. *Cartas familiares, cit.*, p.36.

Ademais, a organizadora reafirma o mote dos “defeitos da época”, que prejudicariam as *Cartas familiares*:

no seu estilo, tão marcado pelos defeitos da época, de que Vieira, pelo seu contacto com a natureza, se pôde mais facilmente libertar, se encontrem, de quando em quando, manifestações de uma autenticidade mais aceite pelo gosto de hoje.⁵⁸

E ainda:

Se bem que D. Francisco Manuel de Melo seja um grande escritor do barroco português, ele é, no entanto, um clássico no que é fundamental na sua personalidade moral e também na literária. Se nem sempre as suas obras assim o revelam é porque, vivendo em pleno período do barroco, se deixou contaminar pelo gosto da época. E então, como os seus contemporâneos, faz estendal de erudição, expõe conceitos rebuscados e sobrecarrega os escritos de artifícios estilísticos. Mas naquelas obras em que o escritor se mostra mais pessoal, revela-se o gosto clássico da ordem e da moderação, traduzido numa linguagem mais directa e subjectiva.⁵⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tom monocórdico adotado pela crítica desde os fins do século XIX, centrando-se sobretudo nos chamados “defeitos da época” e ressaltando os aspectos biográficos das *Cartas familiares*, muito teria a ganhar se procurasse compreender a obra em seu tempo.

Ao contrário da crítica moderna, e a despeito do tom encomiástico por vezes adotado, os contemporâneos de D. Francisco Manuel ressaltaram a importância do epistolário que se publicava. António Luís de Azevedo, na dedicatória à Academia dos Generosos, enfatiza “ser o único livro de cartas que se publicou em nosso idioma; o qual, por que nunca seja despojado deste privilégio, também será o último, porque depois deste pouco lugar fica à confiança para que se esperem outros.”

⁵⁸ *Op. cit.*, p.40.

⁵⁹ *Id.*, *ibid.*, pp.43-44. A citação poderia alongar-se. Contudo, basta para demonstrar o enfoque anacrônico de que tem sido objeto as *Cartas familiares*. Expressões como “autenticidade” e “linguagem directa e subjectiva” são suficientes para demonstrar a inadequação do instrumental teórico utilizado pela autora em sua análise.

No prólogo “Aos Discretos”, ainda António Luís de Azevedo reforça a importância do livro: “Vi primeiro muitos volumes de Cartas que escreveram os antigos e modernos, assi latinos, como italianos e espanhóis e franceses. Confesso que nenhuma me pareceram melhores. E mais creio que me não engano, deve de ser porque de todas tem o melhor.” Entre os muitos volumes de cartas vistos por António Luís de Azevedo, conforme se lê na nota marginal ao texto, estavam os de Angelo Poliziano, Plínio, o Jovem, Justo Lípsio, Sêneca, Santo Isidoro, Cícero, Torquato Tasso.

O Frei Francisco de S. Agostinho Macedo, qualificador do Santo Ofício, em sua “Aprovação”, elogia a divisão em centúrias: “Andou auisado quẽ as diuidio em Centurias, e poz em armas desafiando aos mayores engenhos confiado na ventagem com que escreue.” Exatamente a disposição que é elogiada pelos contemporâneos, é desfeita, como vimos, nas edições modernas. Afirmar ainda: “As palauras são proprias, a frase lidima, o estilo corrente. Mostra hua belleza descuydada, fermosura sem afeites, lindeza com arrufos, que entretem sem fastio os Leytores.” O que era lido como corrente – aliás uma das características da *carta familiar* –, é criticado hoje como uma “inútil fogueira barroca”⁶⁰, como “defeitos da época”⁶¹, como tendo “enfeite demais”⁶². A “beleza descuidada” apontada nas *Cartas familiares* pode ser entendida como o ideal de *sprezzatura*, postulado por Castiglione no *Cortegiano*. Mas Macedo diz mais: “He o Volume hua idea de Cartas, que serue de original a todas as copias.” As *Cartas familiares*, na opinião do qualificador do Santo Ofício, servem de modelo de imitação a quaisquer cartas.

Por fim, lembremos que em 1752, quando da 2ª edição das *Cartas familiares*, Luís de Moraes e Castro considerou-as como “uma obra das mais úteis que se têm visto”.⁶³

Isso não significa que toda a crítica citada seja descartável ou incorreta. Não é descartável, nem incorreta, porque datadas e proferidas sobre uma obra de arte. O que preocupa, contudo, é a repetição de clichês sobre as *Cartas familiares*, que condicionam os leitores e acabam por afastá-los de uma obra injustamente relegada à poeira das bibliotecas.

⁶⁰ ROCHA, André Crabbé. *A epistolografia em Portugal*, cit., p.160.

⁶¹ SARMENTO, Maria da Conceição Moraes. *Op. cit.*, p.40.

⁶² LAPA, M. Rodrigues. *Op. cit.*, p.XXIV.

⁶³ *Apud* SARMENTO, Maria da Conceição Moraes. *Cit.*, p.18.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORA.(s/d.) A. Soares. *Presença da literatura portuguesa: era clássica*, 6ª edição, /São Paulo/: Bertrand Brasil.
- BARREIROS, António José. *História da literatura portuguesa*, /Lisboa/: Editora Pax, 4ª edição, v. II.
- BRAGA.(s/d) Teófilo. *História da literatura portuguesa, III: os seiscentistas*, Publicações Europa-América.
- BRASIL, Reis. (1958). *História da literatura portuguesa*, Lisboa: Oficinas Gráficas do “Jornal do Fundão”.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. (1994). *História da literatura*, Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2ª ed. rev.
- CASTIGLIONE. (1997). Baldassare. *O cortesão*, tradução de Carlos Nilson Moulin Louzada, São Paulo: Martins Fontes.
- _____.(2000). *Il libro del cortegiano*, introduzione di Amedeo Quondam, note di Nicola Longo, Garzanti, 9ª edição.
- COELHO, Jacinto do Prado (dir.). (1960). *Dicionário das literaturas portuguesa, brasileira e galega*, Porto: Livraria Figueirinhas.
- DER LITERATUR (1988). Brockhaus, herausgegeben und bearbeitet von Werner Habicht, Wolf-Dieter Lange und der Brockhaus-Redaktion, Mannheim: Brockhaus, c.
- DIDIER, Béatrice (dir.) (1994). do *Dictionnaire universel des littératures*, publié sous la direction de Béatrice Didier, Paris: Presses Universitaires de France.
- FABRI, Pierre. (1969). *Le grand et vrai art de pleine rhétorique*, publié avec introduction, notes et glossaire par A. Héron, Genève: Slatkine Reprints.
- FARIA, Ernesto. (1992). *Dicionário escolar latino-português*, Rio de Janeiro: FAE.
- FERREIRA, João Palma. (1982). *Academias literárias dos séculos XVII e XVIII*, Lisboa: Biblioteca Nacional.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. (1960). *História literária de Portugal*, Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.
- LAFFONT-BOMPIANI. (1984). *Dictionnaire biographique des auteurs de tous les temps et de tous les pays*, [Paris]: Robert Laffont.
- LAPA, M. Rodrigues.(1942). Prefácio. In: MELO, D. Francisco Manuel de. *Cartas familiares*, Lisboa: Livraria Sá da Costa – Editora, pp.VII-XXVII.

- LE GENTIL, Georges. (1935). *La littérature portugaise*, Paris: Librairie Armand Colin.
- MACHADO, Diogo Barbosa. [19—]. *Bibliotheca lusitana*, Lisboa: Com. Nac. para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses: BN.
- MELO, D. Francisco Manuel de (1964). Melo. *Primeira parte das cartas familiares de D. Francisco Manuel: escritas a varias pessoas sobre assuntos diversos / Recolhidas e publicadas em cinco centurias por Antonio Luis de Azevedo...* – Impresso em Roma [Italia]: Na Officina de Filipe Maria Mancini.
- _____.(1911). *Cartas de D. Francisco Manuel de Mello escritas a Antonio Luiz de Azevedo*, publicadas com Introdução e Notas por Edgar Prestage, Lisboa: Imprensa Nacional.
- _____.(1937). *Cartas familiares*, selecção, prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa, Lisboa: Livraria Sá da Costa – Editora.
- _____.(1981). *Cartas familiares*, prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmento, Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda.
- MOISÉS, Massaud.(1997). *A literatura portuguesa através dos textos*, São Paulo: Cultrix.
- PRESTAGE, Edgar. *D. Francisco Manuel de Mello: esboço biographico*, (1914). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- RAMOS, Feliciano. (1950). *História da literatura portuguesa: desde as origens à actualidade*, Braga: Livraria Cruz.
- REMÉDIOS, Mendes dos (s/d).. *História da literatura portuguesa desde as origens até a actualidade*, 6ª edição, Coimbra: Atlântida.
- ROCHA, André Crabbé. (1965). *A epistolografia em Portugal*, Coimbra: Livraria Almedina, (publicado posteriormente pela Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985).
- SANSOVINO, Francesco. [II] *secretario overo formulario di lettere missive et responsive / di M. Francesco Sansovino...* , Num. BNF de l'éd. de Cambridge (Mass.) : Omnisys, [ca 1990]. Reprod. de l'éd. de In Turino: appresso del Bevilacqua, 1580. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/Bibliothèque Nationale de France>. Acesso em: 26 março 2002.
- SARAIVA, António José, LOPES, Óscar. (1973). *História da literatura portuguesa*, Santos, SP: Livraria Martins Fontes.
- SILVEIRA, Francisco Maciel, MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros , CUNHA, Maria Helena Ribeiro da. (1993). *A literatura portuguesa em perspectiva*, direção de Massaud Moisés, São Paulo: Atlas, vol. II.
- SPINA, Segismundo. (1988). Introdução. In: MELO, D. Francisco Manuel de. *A tuba de Calíope: (quarta musa das Obras métricas)*, São Paulo: Brasiliense, pp.15-69.
- TORQUEMADA, Antonio de.(1994). *Manual de escribientes*. In: *Obras completas*, vol. I, edición y prólogo de Lina Rodríguez Cacho, Madrid: Turner Libros.

VIANA, Mário Gonçalves. (1940). Ensaio biográfico e histórico-crítico sobre D. Francisco Manuel de Melo. In: MELO, D. Francisco Manuel de. *Trechos escolhidos*, selecção, notas e índices remissivos por Mário Gonçalves Viana, Porto: Editora Educação Nacional, pp.05-76.